



Revista de Pesquisa em Artes Cênicas

manzuá

revista de pesquisa

RETRATOS DA ALMA. BIOGRAFIAS PLÁSTICAS IMPRESSAS EM UMA MÁSCARA-RETRATO

Elisa Rossin (USP)

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre o devir invisível do rosto, o retrato fotográfico e suas relações com o campo expandido da máscara, a partir da apresentação de um percurso criativo e metodológico, desenvolvido durante o período de isolamento social por conta do COVID-19.

Palavras-chave: máscara, autorretrato, fotografia, plasticidade.

ABSTRACT

The article presents a discussion on the invisible sense of the face, the photograph, the portrait and its relation with the mask through the presentation of a creative process developed during the period of social isolation on behalf of COVID-19.

Keywords: mask; self-portrait; photography; plasticity

O rosto não é uma imagem, mas um complexo de sinais e de forças em movimento que o puxam ora para fora de si (como o mostram os retratos de Francis Bacon), para fora da significação, deformando o mapa até o deixar irreconhecível, ora para dentro de si, fixando-o numa figura estática humana, ilusoriamente una. O devir invisível do rosto (a esquiva) é o movimento que o faz escapar à petrificação, escapando a si próprio e à significação – por isso tantas vezes nós não nos reconhecemos na nossa imagem no espelho. (GIL, 2005, p.33)

Em junho de 2020, durante o período de isolamento social por conta do COVID-19, realizamos uma programação virtual da Escola de Palhaças¹, da qual faço parte do corpo docente desde sua fundação, sendo responsável por ministrar o módulo “Corpo-Máscara”. Nessa etapa, são trabalhados os principais elementos de interpretação com máscaras inteiras expressivas, que cobrem todo o rosto, despertando a escuta do corpo e suas possibilidades de criação. A partir da visualidade do objeto se explora uma construção gestual silenciosa e comunicativa, na qual palavras são traduzidas em ação e em movimentos e o corpo se coloca a favor do objeto e com ele se transforma. Por se tratar de uma formação de palhaças, também é explorado o universo das memórias pessoais e das percepções sensoriais.

De início, ao ter que elaborar a programação do meu curso para sua realização online, confesso, fui tomada por um certo desespero, como iria conduzir esse curso remoto sem o uso das máscaras, meus principais instrumentos de trabalho? Como poderia aprofundar as questões próprias dessa linguagem sem que as alunas tivessem o contato real com o objeto? Como conduziria um processo que aborda fortemente a questão da presença cênica, sem o tradicional “olhos nos olhos”?

Preocupada em manter a essência dessa experiência, assim como ocorre nos encontros presenciais, para a sua elaboração fiz uma revisitação aos princípios elementares associados a linguagem da máscara a partir de toda a minha trajetória como pesquisadora desse universo. Entre tantos atravessamentos que surgiram, concentrei-me nas relações do objeto com o devir invisível do rosto e sua complexidade, pois as máscaras, assim como o rosto, representam uma imagem viva, circular conectada às forças de afetos diversos. Suas expressões, seus traços e formas provocam as percepções mais íntimas, caracterizando “um retrato da alma, uma fotografia daquilo que raramente se vê; um invólucro que é o reflexo completo e sensível da vida interior.” (BROOK, 1994, p.289)

¹ Essa escola de formação de palhaças, exclusiva para mulheres, foi fundada em 2017 por Andrea Macera, diretora do Teatro da Mafalda, e é realizada, desde então, semestralmente em formato de retiro em um sítio em Ribeirão Pires-SP.

Apoiada sobre tais pensamentos, veio-me, então, a ideia da criação de máscaras como produções de autorretratos a partir de um percurso criativo que explorasse a autoimagem e questões identitárias, tão fundamentais para o caminho da construção do palhaço. Elaborei um processo no qual as alunas seriam convidadas a construir um objeto poético que criasse identificações visuais com suas personalidades e características fisionômicas, como um substrato material envolvendo composições plásticas e sensoriais, a partir de percepções íntimas e individuais.

Antes de compartilhar a proposta, confeccionei a minha própria “máscara-retrato”, procurando construir um caminho didático de sensibilização, acesso e organização de possíveis devaneios materiais. Como descreve BONDÍA (2002, p.26), *“Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão”*. A elaboração da oficina “remota” tornou-se, assim, um lugar de investigação e plataforma para experimentação de um processo criativo e metodológico regido pela minha própria lógica de ação e paixão pelo universo da máscara. Nela mergulhei, exposta e aberta a atravessar um espaço indeterminado, pondo-me à prova nele e buscando ali uma nova oportunidade de criação.

A seguir, descrevo os passos dessa caminhada e as reflexões suscitadas ao longo de seu desenvolvimento. A descrição textual é acompanhada por imagens e links de vídeo para auxiliar na compreensão e visualização do processo e dos resultados atingidos.

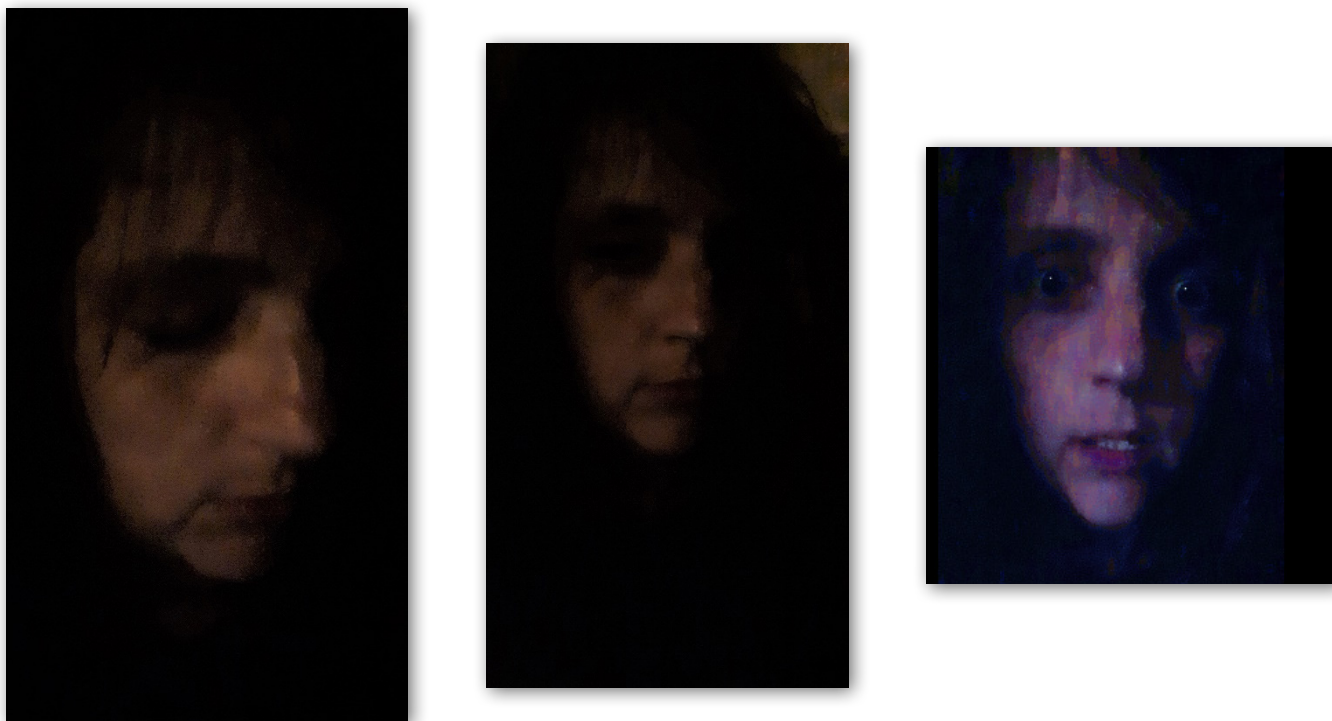
1. No pequeno silêncio particular (ou na objetividade absoluta da subjetividade).

O retrato fixa uma percepção necessariamente flutuante. É verdade que um rosto possui infinitas expressões. Mas também é verdade que o retrato não oferece apenas uma expressão entre outras, mas parece revelar o <o ponto de vista de todos os pontos de vista>, uma espécie de objetividade absoluta da subjetividade (o que constitui, sem dúvida, um dos fatores de atracção do pintor pelo autorretrato). (GIL, 2005. p.15)

O ponto de partida da investigação foi a realização de um conjunto de selfies feitos com o celular, através do qual explorei a observação dos diferentes ângulos de minha face sob uma iluminação bem suave. Essa primeira etapa pode ser reconhecida como um “ver-se por fora”, um estudo pessoal fisionômico, um aprender a

observar as nossas próprias expressões faciais, o jogo das linhas e suas composições, seus formatos e sobretudo, as possíveis alterações derivadas do contraste entre luz e sombras.

Me surpreendi e ora me espantei com as imagens registradas nesses autorretratos flutuantes. Sou eu essa por fora, desse lado, por esse ângulo? Será que essa imagem ali refletida realmente me representa? Os sentimentos provocados nesse primeiro momento foram difusos e contraditórios. Fizeram-me pensar em como nos vemos e como somos vistos... Quanto peso carrega o rosto, essa superfície de forma única apoiada sobre o corpo que nos representa como uma imagem, que se define paradoxalmente e não é necessariamente condizente com o que circula por dentro e aquilo que aparenta por fora.



(imagem 1, 2 e 3) Selfies realizados nesse primeiro momento da pesquisa.

2. Uma transposição plástica, sensorial e imaginária.

Na ordem da matéria imaginada tudo ganha vida: a matéria não é inerte e a pantomima que a traduz não pode permanecer superficial. Quem ama as substâncias, ao designá-las já as trabalha. (BACHELARD, 2001, p. 43 e 44)

Dentre várias imagens, escolhi apenas uma para ser o ponto de partida para a construção da minha “máscara-retrato”. Procurei transpor aquilo que mais chamava a minha atenção e se destacava no autorretrato para um pedaço de papelão. Incluí, inicialmente, as cores e tons de roxo detectados no selfie, o formato oval do meu rosto (que deu o contorno da máscara), os olhos grandes, o nariz cumprido e a boca pequena.

Em seguida, busquei inserir elementos que pudessem “narrar visualmente” e simbolizar algumas das percepções mais íntimas sobre mim mesma, que não fossem da ordem externa. Como, por exemplo, meu fascínio pelas árvores e suas simbologias a sustentar o meu olhar arregalado, uma flor no lugar do olho esquerdo, representando uma lente que sempre poetiza e transforma a visão cotidiana e uma flor de bananeira na boca, deixando-a desconfigurada e grotesca como representação da minha dificuldade em lidar com as palavras e escutar minha própria voz.



(imagens 4, 5 e 6 do processo de criação da máscara-retrato)

Enquanto criava a minha “máscara-retrato” não deixava de pensar no processo de confecção das máscaras teatrais, que normalmente apresentam características caricaturais, com traços e expressões representadas com exagero e graça. Durante a modelagem, os aspectos cômicos da face são ressaltados numa organização formal, entre brincadeiras com traços assimétricos e até certas deformações que, normalmente, levam ao riso de imediato. Como proposto por Umberto Eco (2007, p.152), esse jogo das formas permite também o aprofundamento no caráter do sujeito:

No mais das vezes a caricatura pretende também, ao enfatizar algumas características do sujeito, alcançar um conhecimento mais profundo de seu caráter. E também não pretende sempre denunciar uma feiura interior, podendo trazer à luz características físicas e intelectuais ou comportamentos que tornam o caricaturado amado e simpático. Retratos de grande penetração psicológica que muitas vezes atingem a celebração.

É exatamente essa penetração psicológica associada a “máscara-retrato” que interessa e motiva o processo de criação, que se conecta ao devir invisível do rosto e a potência do retrato; me analiso por fora e por dentro, num fluxo de descobertas me represento e me recrio estética e plasticamente, como diria BACHELARD (1986, p.38) “modelar é psicanalisar”. Construo uma máscara caricaturizada e poetizada, convoco a ativação do meu imaginário particular e as composições de volume, profundidade e contornos se estendem para além de um sentido único a integrar massas sólidas e imagináveis.

3. Uma película ficcional - uma camada performática (adicional)

“O espaço sou eu.” (TAVARES, 2013, p. 288)

Quando vi a minha “máscara-retrato” pronta, tive vontade de vesti-la para testar sua mobilidade, assim como faço logo quando finalizo a construção de uma máscara teatral. No entanto, obviamente, o pedaço de papelão sobre o meu rosto apenas permitia a uma visão única e bidimensional. Não me contentei com essa sua condição formal e decidi, então, tentar aplicar sua essência sobre meu rosto através de uma pintura com maquiagem.



(Figura 7: resultado da pintura sobre o rosto feito com a maquiagem)

Naturalmente, a transposição da imagem do autorretrato feito com papelão sobre o meu rosto despertou outros questionamentos: como a força do olhar que altera completamente a recepção da imagem, o contraste e a potência do encontro entre elementos orgânicos, como a pele e a flor (literalmente colada sobre a minha face) e a textura da flor de bananeira a confundir com a do próprio lábio.

Para finalizar a minha investigação, fiz um último estudo da minha “máscara-retrato”, trabalhando camadas ficcionais a partir desse novo selfie maquiado/ mascarado, através da utilização de um aplicativo próprio de edição de fotografia. Tais edições da imagem inicial resultaram em novos retratos que dialogam e ressaltam os aspectos criados artesanalmente, permitindo ainda mais ramificações poéticas e interpretativas. Essa viagem metafórica de auto descobertas revela incessantemente diferentes camadas do meu próprio “eu” e fortalece a ideia de que temos várias representações pessoais. Retomando o pensamento sobre o devir invisível do rosto, inserido na epígrafe de GIL, que inicia a presente discussão, torno-me, ao mesmo tempo, irreconhecível, não sou uma figura estática, ilusoriamente uma. Escapo à petrificação e me torno múltipla.





(Figuras 8 e 9: autorretratos editados)

4. O compartilhamento e a troca da experiência

Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (BONDÍA, 2002, p.28)

A proposta de criação das “máscaras-retratos” foi realizada durante o módulo Corpo-Máscara na programação remota da Escola de Palhaças no primeiro e no segundo semestre de 2020. A insegurança gerada pela ausência do encontro físico foi logo superada pelo nível de entrega e envolvimento das alunas. Devido ao tempo que tinha para realizar o módulo, optei por compartilhar de modo mais aprofundado apenas a primeira parte do caminho de criação das máscaras que havia explorado sozinha. Ou seja, as alunas criaram as máscaras de papelão e não desenvolveram o exercício com a maquiagem/pintura facial e o trabalho de edição de imagens.

Para expor a proposta, apresentei meu próprio processo de criação, explicando todos os passos e me aprofundando na importância da observação dos selfies iniciais. Apontei algumas maneiras de pensarmos e de nos expressarmos através dos materiais e das materialidades que nos cercam e, sobretudo, propus que lançassem um olhar delicado e investigativo sobre as suas características e marcas pessoais.

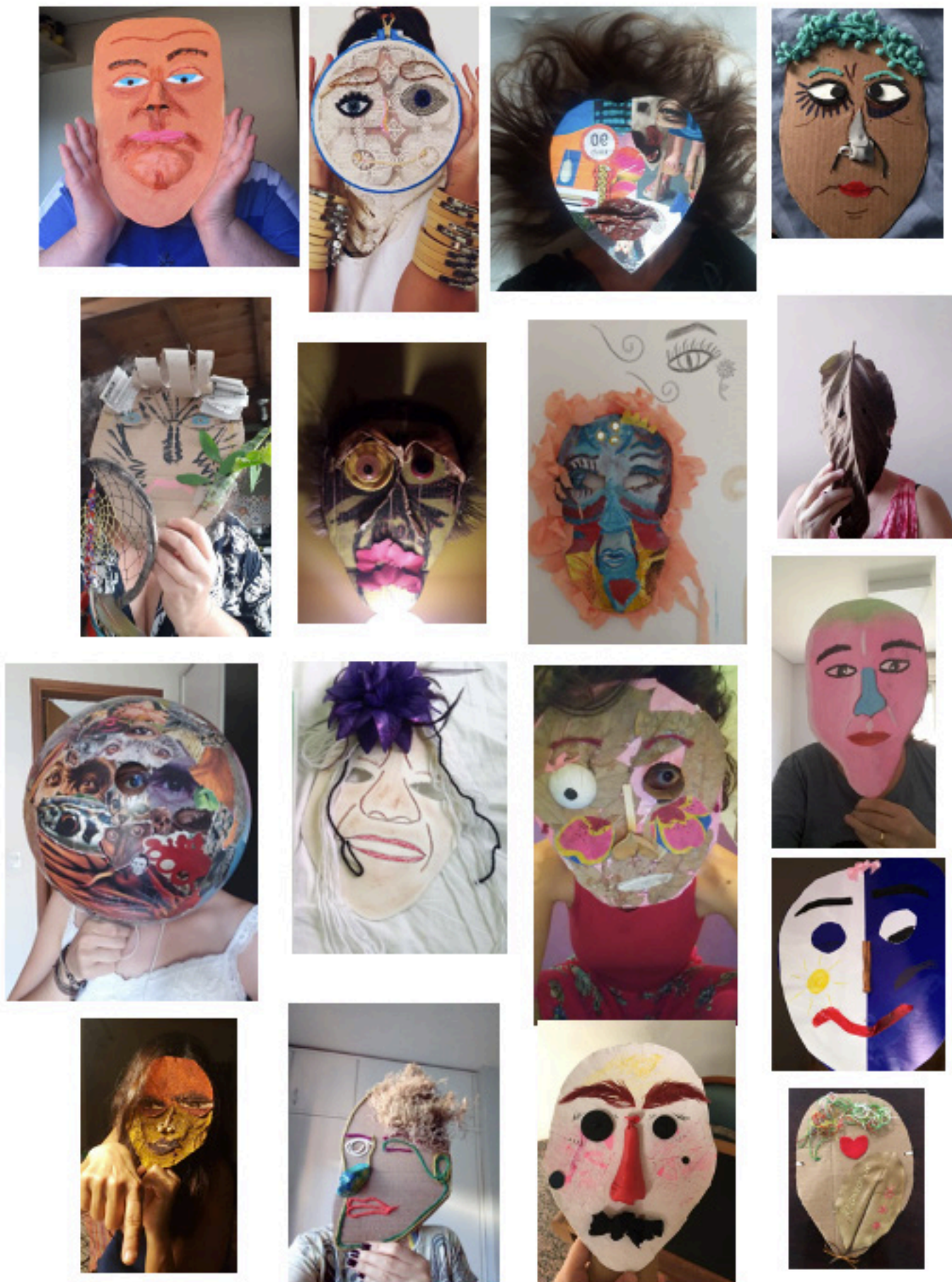
As participantes utilizaram os materiais que tinham em casa, como elementos orgânicos encontrados no próprio jardim, temperos disponíveis na cozinha, argila, tecido, penas, brinquedos entre outros. Uma delas criou sua máscara com lingeries, outra com um globo coberto de colagens e teve também uma máscara bordada. Todos os elementos utilizados apresentaram um grande valor pessoal e comunicaram suas essências únicas. Para o momento de apresentação das máscaras e compartilhamento das criações, pedi para que cada aluna mandasse, previamente, uma canção que lhe fosse muito especial e significativa. Na última aula, pedi para que todas desativassem as câmeras na plataforma de encontro virtual e, quando escutasse a sua música, poderia aparecer com a máscara, revelando-se diante das colegas. A proposta não era dançar sua canção particular, mas mover-se lentamente revelando o objeto sobre o rosto. Desse modo, pudemos ver cada participante e sua máscara individualmente e, num momento posterior, todas dançaram coletivamente, exibindo suas criações. Me surpreendi e me emocionei ao ver essa

diversidade registrada em seus retratos da alma².

Esse novo modelo de transmissão e troca de conhecimento inaugurou um precioso portal para se pensar diferentes procedimentos metodológicos, configurando-se um fértil e promissor território de investigação. Ouso dizer, que essa nova versão do módulo Corpo-Máscara permite maior aprofundamento da relação da máscara com o universo do palhaço. As produções das alunas revelam uma densidade surpreendente, demonstram a potência dos retratos como estudos investigativos da autoimagem e apresentam uma diversidade estética que revela personas com um grande peso e força de existência. Os relatos compartilhados após o experimento ressaltam também como a proposta possibilitou a construção de um caminho de autoria e autonomia, no qual cada aluna criou seu objeto de forma singular e única, como revela o exemplo abaixo:

A máscara foi-se compondo sozinha e aos poucos. Um pedaço de papelão recortado ao que parecia mais ou menos ser o formato do meu rosto. Cobri ele com papel sulfite recortado em pequenos pedaços e cola branca, algumas camadas. Peguei um pouco de argila para compor bocas, nariz e olhos, não gostei, achei que não deu certo. Pensei na bexiga, e enchi uma vermelha de um pouco de argila para modelar o nariz, e fiquei satisfeita com o formato cor e textura. Pros olhos já havia separado dois botões pretos, um tanto maior que o outro, como vejo os meus olhos, assimétricos. Encontrei um feliz brinquedo felino que tinha penas, coletei duas e coleí como sobancelhas. Tinha separado um maiô rasgado para usar em alguma coisa. E olhando pelo espelho percebi que minha boca estava ligeiramente tensa. Fui dando nós no tecido, e esse originou a boca, meio retorcida, meio amarrada. O que me veio a ser a grande revelação da máscara, e dos sentimentos que estavam me atravessando naquela semana. Quem não me conhece não pode imaginar como minha boca expressa muito mais meus sentimentos, e meu “olhar” que qualquer outra parte do meu rosto. E pela máscara pronta, ao mesmo tempo que senti estranhamento, a julguei feia, mal feita, entre outras coisas, me chamou a atenção a expressão da boca e como ela tinha sido confeccionada. Consegui relacionar à tensão, raiva e fúria que tinha passado numa situação específica e que ainda estava me consumindo. Pude entender pela boca literalmente amarrada que estava sendo silenciada numa situação de injustiça, e que essa prisão da fala estava me consumindo como fogo por dentro. Foi muito importante e bem intenso perceber que tinha colocado isso na máscara. Depois de algum tempo olhando a máscara,

² O registro videográfico pode ser acessado através do link: <https://drive.google.com/file/d/1zFHdVbNwJMjGSSAnQY-25nhAtDIZVCpMy/view?usp=sharing>



(Figuras 10 - Máscaras-retratos das alunas)

Para concluir...

Todo investigador investiga por que está perdido e será sensato de não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final de sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. (TAVARES, 2013, p.38)

Acredito que nesse atual momento de pandemia, estamos todos no âmbito do nascimento de novas maneiras de criação artística e de compartilhamento dos saberes, enfrentamos a difícil tarefa de nos recriarmos e de reinventar nossos próprios mundos (casa, convívio, afetos, produções, arte, etc.). Desse modo, a pesquisa aqui apresentada teve seu início “forçado” pela real situação de isolamento social e pelo medo de lidar com a possibilidade de transmissão de ensino remoto, por se tratar de uma linguagem relacionada diretamente a experiência prática corporal. Contudo, ao final da investigação, reconheço como o campo de pesquisa da máscara é infinito e surpreendente. Como dizia meu mestre, o escultor italiano SARTORI (2013, p.159) “o jogo da máscara não é uma ciência exata, mas uma arte exata.” Justamente por não ser exato, esse universo apresenta diversas e infinitas possibilidades de investigação. Perder-se nele às vezes é necessário para encontrar o novo, assim como é importante confiar na potência da experimentação prática e intuitiva, para nos fortalecermos e nos abastecermos ao longo do caminho.

Nesse percurso de investigação apresentado, o campo da máscara se conecta ao exercício da autorrepresentação e da exploração da própria subjetividade, através de narrativas visuais atravessadas pela realidade e ficção da imagem que o sujeito constrói de si mesmo. Revela-se, além de uma expressão artística, como um percurso didático autoral de estruturação de intersubjetividades, de reapropriação da própria imagem, como construção de autoconhecimento; um encontro consigo de representação e reinvenção. A produção dos retratos poéticos pode ser vista como uma forma de mascaramento do ‘eu’ que revela, plástica, simbólica e sensorialmente, os reflexos da alma, explorando da pluralidade a contradição das identidades.

Como descreve MEDEIROS (2000, p.36) “Representar é sempre revolucionar. É sempre uma forma de protesto contra o desvanecimento do Ser no tempo.” Assim, nesse processo de representação, podemos pensar que o ‘eu’ se torna revolucionário, ao mesmo tempo é ator, produtor, confeccionador e receptor da obra criada. Sua imagem fica registrada, torna-se um espelho flutuante, um retrato

mascarado, uma “máscara-retrato”, um objeto de natureza abstrata e mutável, que pode ser observado e revisitado constantemente, como no trecho final do relato da aluna, nos lembrando de como somos inconstantes e estamos sempre em movimento e transformação: “Aliás acho que estou tendo todo um relacionamento com essa máscara, deixo ela pendurada à minha vista para eu me lembrar de sentir tudo isso.” (FRANZON, 2020)

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. São Paulo: Difel, 1986.

_____. A terra e os devaneios da vontade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n.19, jan.-abr. 2009, p.20-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

BROOK, Peter. As máscaras saindo de nossas conchas. In: O ponto de mudança: quarenta anos de experiências teatrais – 1946-1987. Trad. Antônio Mercado e Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ECO, Umberto (org). A história da feiura. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FRANZON, Nicole Arruda. Depoimento pessoal escrito durante a disciplina “Corpo-Máscara, Escola de Palhaças. São Paulo, 2020.

GIL, José. A arte do retrato. In: Escritos sobre artes e artistas. Lisboa: Relógio D’Água, 2005.

MEDEIROS, Margarida. Fotografia e narcisismo: o autorretrato contemporâneo. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

ROSSIN, Elisa de Almeida. O campo poético das máscaras, atravessamentos atemporais ensaiados na pele e na forma. Tese. Universidade de São Paulo, 2019.

SARTORI, Amleto; SARTORI, Donato. A arte mágica. Trad. Maria de Lourdes Rabetti. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, 2013.

TAVARES, Gonçalo M. Atlas do corpo e da imaginação. Alfragide: Caminho, 2013.



Revista de Pesquisa em Artes Cênicas

manzuá

revista de pesquisa